

**UNIVERSIDADE CHRISTUS – UNICHRISTUS**

**BEATRIZ DANTAS PORTO JOVENTINO**

**MANUAL CLÍNICO PSICANALÍTICO: LEITURA DOS VÍNCULOS AMOROSOS  
NA CONTEMPORANEIDADE**

**FORTALEZA**

**2026**

**BEATRIZ DANTAS PORTO JOVENTINO**  
**MANUAL CLÍNICO PSICANALÍTICO: LEITURA DOS VÍNCULOS AMOROSOS**  
**NA CONTEMPORANEIDADE**

Produto educacional apresentado à Universidade Christus –  
UNICHRISTUS, como parte das atividades acadêmicas.

Orientador: Prof. Dr. Lucas da Silva Melgaço

**FORTALEZA**  
**2026**

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo apresentar um manual clínico fundamentado na psicanálise freudo-lacanianana, voltado à leitura dos vínculos amorosos na contemporaneidade. Trata-se de um estudo de natureza teórico-clínica, com caráter aplicado, baseado na articulação entre conceitos psicanalíticos e formulações contemporâneas sobre o narcisismo, a falta e o vazio subjetivo. Os resultados indicam a presença de configurações de vínculo marcadas por idealização, dependência e controle, compreendidas como tentativas de tamponamento da falta estrutural. Conclui-se que a clínica psicanalítica, ao sustentar a dimensão da falta, possibilita ao sujeito a construção de novas formas de relação com o desejo e com o outro.

**Palavras-chave:** Narcisismo. Vínculos amorosos. Vazio subjetivo. Psicanálise. Clínica.

## **Abstract**

This study aims to present a clinical manual grounded in Freudian-Lacanian psychoanalysis, focused on the understanding of contemporary romantic relationships. It is a theoretical-clinical study with an applied approach, based on the articulation between psychoanalytic concepts and contemporary formulations of narcissism, lack, and subjective emptiness. The findings indicate that contemporary relational configurations are often characterized by idealization, dependency, and control, which can be understood as attempts to compensate for structural lack. It is concluded that psychoanalytic practice, by sustaining the dimension of lack, enables subjects to develop new ways of relating to desire and to others.

**Keywords:** Narcissism. Romantic relationships. Subjective emptiness. Psychoanalysis. Clinical practice.

## **1 Introdução**

A contemporaneidade evidencia transformações significativas nos modos de constituição subjetiva e nos laços sociais, implicando alterações na forma como o sujeito se sustenta e se relaciona com o outro. No campo clínico, observa-se um aumento expressivo de demandas associadas ao sofrimento em vínculos amorosos marcados por intensidade, instabilidade e dificuldade de separação, o que aponta não apenas para relações conflituosas, mas para vínculos que assumem função estruturante na economia psíquica.

Nessas configurações, o laço amoroso tende a não se organizar a partir do reconhecimento da alteridade, mas da necessidade de sustentação de uma consistência subjetiva fragilizada. O outro passa a operar como suporte de uma imagem, de um valor e de uma estabilidade que o sujeito não consegue manter de forma autônoma. Desse modo, o vínculo amoroso desloca-se de uma experiência de encontro para uma função de sustentação psíquica.

Essa dinâmica contribui para a compreensão da dificuldade de rompimento desses vínculos. Para além de aspectos afetivos ou comportamentais, observa-se que o outro pode ocupar uma função específica na economia psíquica, operando como elemento que evita o confronto com a falta estrutural. Quando essa função falha, seja pela ausência, pela mudança ou pela impossibilidade de sustentação, emergem manifestações de sofrimento que podem ser compreendidas como efeitos de desorganização subjetiva, uma vez que o que se perde não se restringe ao parceiro, mas à própria sustentação do eu.

A articulação entre narcisismo, vazio subjetivo e formas de violência nos vínculos foi anteriormente explorada em estudo desenvolvido no âmbito da especialização em Psicanálise (JOVENTINO, 2025), no qual se analisou a construção do eu a partir de uma leitura psicanalítica do personagem da série You. Naquele trabalho, evidenciou-se que a dificuldade

de simbolização da falta, frequentemente associada à recusa da castração simbólica, pode produzir formas de relação marcadas pela idealização e pela aniquilação do outro, indicando a centralidade do narcisismo na organização dos vínculos contemporâneos.

Dando continuidade a essa investigação, o presente trabalho desloca o foco da análise de um personagem específico para a construção de operadores clínicos que permitam a leitura de vínculos amorosos na prática clínica. Trata-se, portanto, de um desdobramento teórico-clínico que busca ampliar a compreensão dessas dinâmicas, articulando contribuições da psicanálise freudo-laciana com formulações contemporâneas sobre o vazio subjetivo.

Nesse contexto, o narcisismo e o vazio subjetivo assumem papel central. Conforme Sigmund Freud (1914), o investimento libidinal no eu pode se estender às relações, fazendo com que o outro seja investido como suporte da própria imagem. Essa perspectiva é ampliada por Jacques Lacan (1949), ao situar o eu como construção imaginária dependente da mediação do outro. Na ausência de uma mediação simbólica consistente, o vínculo amoroso tende a operar como tentativa de estabilização subjetiva, ainda que de forma precária.

A clínica contemporânea evidencia que essa dinâmica se articula à dificuldade de simbolização da falta e à intolerância ao vazio, conforme discutido por Christian Dunker (2015; 2017) e Ana Suy (2022). Nessas condições, o vínculo amoroso deixa de funcionar como espaço de circulação do desejo e passa a operar como tentativa de tamponamento da falta.

Como consequência, nota-se a instabilidade desses vínculos, marcada por oscilações entre idealização e desvalorização, proximidade e ruptura, controle e perda. Tais movimentos não devem ser compreendidos apenas como instabilidade afetiva, mas como expressão de uma dificuldade estrutural em sustentar o outro enquanto alteridade.

Diante desse cenário, o presente trabalho tem como objetivo propor um manual clínico psicanalítico voltado à leitura dos vínculos amorosos na contemporaneidade, oferecendo operadores teóricos e clínicos para sua compreensão e manejo. Trata-se de um trabalho de natureza teórico-clínica, com caráter aplicado, desenvolvido a partir da sistematização de conceitos psicanalíticos e sua articulação com a prática clínica contemporânea.

## **2 Fundamentos psicanalíticos**

O conceito de narcisismo, introduzido por Sigmund Freud (1914), permite compreender o investimento libidinal no eu como elemento fundamental na constituição psíquica e na organização das relações. Longe de se restringir a uma etapa do desenvolvimento, o narcisismo permanece como eixo estruturante, incidindo sobre a forma como o sujeito se vincula ao outro, especialmente quando este é convocado a sustentar a imagem ideal do eu.

Ao retomar essa noção, Jacques Lacan (1949) desloca a compreensão do eu ao situá-lo como uma construção imaginária, constituída a partir da identificação com uma imagem externa. Tal processo implica uma dependência estrutural do outro, na medida em que a consistência do eu se ancora em uma alteridade que lhe fornece unidade, ainda que fundada em uma alienação.

No desenvolvimento posterior de sua teoria, Lacan (1964) introduz a noção de que o desejo se organiza em torno da falta, articulando-se à noção de castração simbólica como operador estrutural da constituição do sujeito, sendo o objeto a aquilo que o causa, e não um objeto empírico passível de satisfação. Nesse sentido, o desejo se sustenta justamente pela impossibilidade de completude, o que implica reconhecer que o vínculo com o outro não pode eliminar a falta estrutural que constitui o sujeito.

Quando essa lógica não se sustenta para o sujeito, observa-se a tentativa de capturar o outro como objeto total, isto é, como aquilo que poderia preencher a falta e garantir uma consistência subjetiva estável. Tal movimento implica a redução do outro à função de objeto, esvaziando sua condição de alteridade e produzindo vínculos marcados pela idealização, pela dependência e pela dificuldade de separação. Nesses casos, o laço deixa de operar no registro simbólico e passa a se organizar predominantemente no campo imaginário, o que contribui para sua instabilidade e para a emergência de manifestações de sofrimento psíquico.

### **3 Vazio subjetivo e contemporaneidade**

O vazio subjetivo tem se configurado como um elemento central na compreensão do sofrimento psíquico na contemporaneidade, não como um fenômeno contingente, mas como uma experiência estrutural que, em determinadas condições, perde sua possibilidade de simbolização. Nesse sentido, não se trata de eliminar o vazio, mas de compreender as formas pelas quais o sujeito se relaciona com ele.

No campo psicanalítico, o vazio pode ser articulado à noção de falta estrutural, isto é, à impossibilidade de completude que marca a constituição do sujeito. Contudo, na clínica contemporânea, observa-se um impasse na sustentação dessa falta como condição do desejo. Conforme aponta Christian Dunker (2015; 2017), o mal-estar atual se caracteriza pela fragilização dos dispositivos simbólicos que permitem a elaboração psíquica, o que leva o sujeito a buscar formas imediatas de preenchimento e regulação do sofrimento.

Na mesma direção, Ana Suy (2022) destaca que o vazio, quando não encontra vias de simbolização, tende a ser vivido como excesso, isto é, como algo que transborda e desorganiza o sujeito. Nesses casos, o vazio deixa de operar como causa do desejo e passa a ser experimentado como ameaça, algo que o sujeito não consegue sustentar sem recorrer ao outro. É nesse contexto que o vínculo amoroso pode ser mobilizado como estratégia de tamponamento da falta. O outro passa a ser investido como aquilo que poderia preencher o vazio, oferecendo ao sujeito uma sensação provisória de consistência. Tal dinâmica implica uma sobrecarga do laço, uma vez que o parceiro é convocado a ocupar uma função que excede as possibilidades do vínculo, tornando-se responsável pela regulação do estado psíquico do sujeito.

Do ponto de vista clínico, isso se manifesta em relações marcadas por dependência, controle e dificuldade de separação. A ausência do outro não é vivida apenas como perda, mas como ameaça à própria continuidade subjetiva, o que explica a intensidade do sofrimento diante de afastamentos, rupturas ou falhas no vínculo. Dessa forma, o laço amoroso deixa de operar como espaço de circulação do desejo e passa a funcionar como tentativa de estabilização psíquica frente à experiência do vazio.

Essa configuração contribui para a compreensão da instabilidade desses vínculos, frequentemente atravessados por oscilações entre proximidade excessiva e ruptura, idealização e desvalorização. Tais movimentos não devem ser reduzidos a uma instabilidade afetiva, mas compreendidos como expressão de uma dificuldade estrutural em sustentar a falta e reconhecer o outro em sua condição de alteridade.

#### **4 Configurações dos vínculos amorosos**

Na contemporaneidade, os vínculos amorosos tendem a assumir configurações específicas que podem ser compreendidas a partir da articulação entre narcisismo, falta e modos de sustentação do sujeito. Entre essas configurações, destacam-se relações marcadas por idealização, dependência, controle e destrutividade, as quais não se apresentam de forma isolada, mas frequentemente se articulam em uma mesma dinâmica relacional.

A idealização do parceiro constitui um dos eixos centrais dessas configurações, na medida em que o outro é investido como portador de uma completude que o sujeito não reconhece em si. Esse movimento implica a elevação do parceiro a um lugar de exceção, dificultando o reconhecimento de suas falhas e limites. No entanto, tal posição é estruturalmente insustentável, o que frequentemente conduz à sua queda e à consequente desvalorização.

A dependência, por sua vez, pode ser compreendida como efeito da função que o outro passa a ocupar na economia psíquica do sujeito. Mais do que um apego afetivo, trata-se de uma relação na qual o outro é investido como condição de sustentação subjetiva, de modo que sua ausência ou instabilidade produz efeitos significativos de angústia e desorganização.

O controle emerge como tentativa de lidar com a imprevisibilidade do outro e com a impossibilidade de garantir a estabilidade do vínculo. Nesse sentido, práticas de vigilância, exigência de respostas e necessidade de confirmação constante podem ser compreendidas como estratégias de redução da angústia frente à falta, ainda que produzam, paradoxalmente, maior fragilidade na relação.

Já a dimensão destrutiva desses vínculos se evidencia nos momentos em que a idealização cede lugar à frustração. Diante da impossibilidade de o outro sustentar a posição que lhe foi

atribuída, podem emergir movimentos de desqualificação, rejeição ou ruptura abrupta, indicando a dificuldade do sujeito em sustentar a alteridade.

Do ponto de vista teórico, tais configurações apontam para a prevalência do registro imaginário sobre o simbólico, na medida em que o vínculo se organiza em torno de imagens, identificações e expectativas de completude, em detrimento da mediação simbólica que permitiria reconhecer a falta e sustentar a diferença. Como consequência, observa-se uma fragilidade estrutural desses laços, marcados por oscilações e instabilidades que refletem a dificuldade de o sujeito lidar com a própria falta e com a alteridade do outro.

## **5 Implicações clínicas**

Diante das configurações contemporâneas dos vínculos amorosos, a clínica psicanalítica se insere em um campo marcado pela intensificação do sofrimento associado à dependência, à idealização e à dificuldade de separação. Nesse contexto, torna-se fundamental evitar intervenções normativas ou moralizantes, uma vez que tais abordagens tendem a reforçar a alienação ao Outro, em vez de promover deslocamentos subjetivos.

A direção do tratamento, orientada pela psicanálise, implica sustentar a dimensão da falta, compreendendo-a não como um déficit a ser corrigido, mas como condição estrutural do sujeito. Trata-se de favorecer a elaboração simbólica, possibilitando a construção de uma nova relação com o desejo, na qual o sujeito possa se deslocar da posição de dependência do outro enquanto suporte narcísico.

A escuta clínica deve, portanto, considerar a função que o parceiro ocupa na economia psíquica do sujeito. Mais do que descrever o vínculo, torna-se necessário interrogar o lugar atribuído ao outro, bem como o que ele sustenta e o que sua presença impede. Tal perspectiva permite deslocar o foco do comportamento para a estrutura do laço.

A contribuição de Antonio Quinet (2009) é relevante ao enfatizar que a direção do tratamento em psicanálise não se orienta pela adaptação do sujeito à realidade, mas pela possibilidade de confrontação com o próprio desejo. Essa orientação implica sustentar a transferência como espaço de elaboração, evitando antecipações interpretativas ou soluções que visem tamponar a falta.

Do ponto de vista estrutural, ainda que este manual não tenha como finalidade o estabelecimento de diagnósticos, é possível considerar que as formas de vínculo descritas se apresentam de modo distinto conforme a organização psíquica do sujeito. Em termos gerais, observa-se que, nas estruturas neuróticas, os vínculos tendem a se organizar em torno do conflito entre desejo e lei, frequentemente acompanhados por angústia diante da perda ou da ausência de garantias do amor do outro. Nas estruturas psicóticas, a fragilidade da mediação simbólica pode intensificar a necessidade de consistência do outro, favorecendo vínculos marcados por maior rigidez ou por tentativas de estabilização através da relação. Já nas configurações perversas, evidencia-se uma tendência à recusa da falta, podendo emergir formas de controle e instrumentalização do outro, reduzido à função de objeto.

Essas distinções não devem ser compreendidas como categorias classificatórias rígidas, mas como operadores clínicos que auxiliam na escuta e na condução do tratamento. Em todos os casos, a direção clínica orienta-se pela singularidade do sujeito, evitando generalizações e intervenções normalizadoras.

Do ponto de vista técnico, algumas direções podem ser destacadas como orientadoras da prática clínica. Entre elas, destacam-se a sustentação da escuta sem antecipação de interpretações moralizantes, a não fixação do sujeito em posições de dependência, a investigação da função do outro em seu discurso e a promoção de processos de responsabilização subjetiva, sem que isso implique culpabilização. Além disso, a introdução da dimensão da falta como operador clínico e o respeito ao tempo do sujeito mostram-se fundamentais na condução do tratamento.

Dessa forma, a clínica psicanalítica não se orienta pela eliminação imediata do sofrimento, mas pela possibilidade de construção de novas formas de laço, nas quais o outro possa ser reconhecido em sua alteridade e o sujeito possa estabelecer uma relação com o desejo que não dependa do outro como suporte de sua existência.

Nesse sentido, a intervenção analítica não visa oferecer respostas, mas produzir deslocamentos no discurso do sujeito, possibilitando que ele se implique em sua própria posição.

A título de síntese, os operadores clínicos propostos neste manual podem ser compreendidos como direções de escuta que orientam a prática psicanalítica, não como técnicas a serem aplicadas, mas como pontos de atenção que permitem ao analista sustentar a singularidade do sujeito e a dimensão da falta no laço.

## **6 Considerações finais**

Os resultados deste trabalho permitem afirmar que os vínculos amorosos na contemporaneidade se organizam, em grande medida, a partir da centralidade do narcisismo e da dificuldade de simbolização da falta, o que confere ao vazio subjetivo um lugar decisivo na experiência psíquica. Nessas condições, o laço amoroso tende a operar menos como espaço de encontro entre sujeitos e mais como dispositivo de sustentação de uma consistência subjetiva fragilizada, na qual o outro é frequentemente investido como suporte do eu.

Ao longo deste manual, evidenciou-se que configurações marcadas por idealização, dependência, controle e destrutividade não devem ser compreendidas apenas como variações afetivas, mas como modos de organização do vínculo que respondem à tentativa de tamponamento da falta estrutural. Tal dinâmica implica uma instabilidade própria desses laços, uma vez que nenhuma relação é capaz de sustentar, de forma duradoura, a função que lhe é atribuída.

Do ponto de vista clínico, a psicanálise oferece ferramentas fundamentais para a leitura e manejo dessas relações, ao sustentar a dimensão da falta como condição do desejo. A direção do tratamento não se orienta pela eliminação do sofrimento ou pela adaptação a modelos normativos de relação, mas pela possibilidade de que o sujeito construa uma nova relação com seu desejo, reconhecendo a alteridade do outro e deslocando-se da posição de dependência narcísica.

O manual propôs operadores teórico-clínicos que permitem não apenas compreender, mas intervir nesses vínculos, favorecendo processos de elaboração simbólica e responsabilização subjetiva. Trata-se, portanto, de uma contribuição situada na interface entre teoria e clínica, que busca responder às demandas contemporâneas sem abrir mão do rigor conceitual da psicanálise.

Por fim, ressalta-se que a complexidade dos vínculos amorosos contemporâneos exige uma escuta que considere a singularidade de cada sujeito, evitando generalizações e soluções universais. A clínica psicanalítica, ao sustentar a falta e reconhecer o lugar do desejo, possibilita a construção de formas de laço menos dependentes da lógica narcísica e mais

abertas à diferença. Nesse sentido, o laço amoroso, longe de oferecer completude, se constitui precisamente a partir da falta, sendo essa condição o que possibilita a existência do desejo e a abertura ao outro.

## **Referências**

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu, 2017.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

JOVENTINO, Beatriz Dantas Porto. Narcisismo e vazio: a construção do eu em You. 2025. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Psicanálise) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

QUINET, Antonio. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

SUY, Ana. A gente mira no amor e acerta na solidão. São Paulo: Planeta, 2020.

SUY, Ana. Não pise no meu vazio. São Paulo: Planeta, 2022.